

# O Jardim de Pedras

Romance de vidas passadas

***Robson Gonçalves***



# O Jardim de Pedras

Romance de vidas passadas

**Robson Gonçalves**

Primeira Edição  
Edição do Autor  
São Paulo, 2018

***Robson Gonçalves***

## ***O Jardim de Pedras***

Para Tabata Labiapari,  
primavera cheia de alegria e esperança  
depois do longo inverno.

***Robson Gonçalves***

## *O Jardim de Pedras*

Da cantata BWV 35 “Geist und Seele wird verwirret”

**“Gott hat alles wohlgemacht.  
Seine Liebe, seine Treu  
Wird uns alle Tage neu.  
Wenn uns Angst und Kummer drücket,  
Hat er reichen Trost geschicket,  
Weil er täglich für uns wacht.  
Gott hat alles wohlgemacht.”**

**“Deus faz tudo bem feito.  
Seu amor por nós, sua fidelidade  
são renovados diariamente.  
Quando o medo e a tristeza nos oprimem,  
Ele nos reconforta imensamente,  
pois Ele cuida de nós todos os dias.  
Deus faz tudo bem feito.”**

***Robson Gonçalves***

## **Prefácio do autor**

**E**sta é a sequência da série que teve início com o romance *Bela Vista* e continuou com *O Espelho em Pedra*. Ao mesmo tempo, o conteúdo de *O Jardim de Pedras* é bastante diverso. A história começa onde a anterior terminou, precisamente na mesma cena: na colônia espiritual de *Stille der Seele* (Silêncio da Alma), Clara Graun se despede do amigo Conrad Müller, o Arquivista. Ela segue para outra colônia, também situada no astral da Alemanha, *Ausdauer* (Perseverança) para se encontrar com Sofia, sua irmã pela Eternidade.

O grande tema dessa vez é a identidade espiritual, questão que intriga Sofia. Toda a narrativa trata da grande viagem que essa personagem faz para o interior de si mesma, sua personalidade e suas lembranças, em busca da resposta para uma simples pergunta, feita a ela pelos mentores da colônia: Quem é você?

Durante as muitas vidas na matéria e durante os períodos no astral, nossa consciência busca uma resposta para essa grande questão. Quem somos nós, afinal? Por que é tão difícil nos livrarmos dos condicionamentos que a vida

no plano físico nos impõe, fazendo com que nos apeguemos a nomes, sobrenomes, condições sociais, propriedades, títulos...? Histórias passageiras, impermanências que o tempo varre de forma aparentemente cruel e implacável.

Ao retirar de nós as memórias factuais das vivências passadas, a reencarnação nos ensina, sempre e de novo a cada vez, a lição da impermanência, a necessidade de nos atermos ao momento que passa com a consciência da transitoriedade de tudo, exceto de nós mesmos diante da Eternidade. Compreender isso é um grande desafio.

Mas, então, em meio a esse aprendizado complexo, Sofia é chamada a compreender outra coisa, outra lição, ainda mais cheia de significado. Muitas vezes, esse esquecimento terapêutico pode ser escolhido até mesmo na vida imaterial como prova, como tratamento para nossas velhas doenças da alma.

Então, como seria andar em meio às pessoas mais queridas, com quem compartilhamos momentos intensos de amor e de dor, sem ser reconhecido? Como seria viver em um mundo no qual todos os nossos afetos tivessem sido acometidos de uma espécie estranha de amnésia, esquecendo-se completamente de nossas experiências comuns, enquanto nós mesmos preservamos todas essas lembranças? Como seria ser colocado diante de alguém e ouvir: *Este é seu velho amigo!*, sem conseguir recuperar a mínima lembrança de qualquer fato, sentimento ou experiência? Ou ainda, mesmo sendo colocado diante das lembranças de vidas passadas, como seria assistir a tudo como a uma obra de ficção na qual aparecemos como

## ***O Jardim de Pedras***

personagens, mas sem que as cenas despertem em nós nada além de um distante e impessoal sentimento de compaixão?

Essa foi a prova de Klaus Gärtner, o Jardineiro.

Por séculos, ele cultivou um jardim de pedras, quando eram flores que ele deveria plantar.

Cansado, constrangido, quase em desalento, pediu para ser esquecido a fim de recuperar na solidão o caminho para Deus. Apenas uma alma amiga se rebelou e se negou a aceitar aquela estranha amnésia. Ainda assim, a prova foi dura e, fazendo parte desse drama, Sofia pôde compreender melhor o contraste entre nossa personalidade integral, livre dos condicionamentos do mundo, e a personalidade parcial e transitória que assumimos durante a longa jornada.

O elo de ligação entre *O Jardim de Pedras* e os romances anteriores é Conrad Müller, o Arquivista, que aparece aqui junto ao velho amigo Klaus Gärtner, carinhosamente apelidado de Klein.

A história toda é narrada por Clara que, ao início de cada capítulo, nos oferece sua própria visão da história, ainda que seja ela mesma personagem em terceira pessoa.

São Paulo, abril de 2018

***Robson Gonçalves***

## O Jardim de Pedras

**D**a primeira carta do Jardineiro para Sofia:

*“Somos muitos e somos únicos. Você já aprendeu essa lição, eu sei. Mas é mais do que isso, sabe? Não cabemos em nós mesmos o tempo todo. Por isso, a cada vez que voltamos a nascer sobre a Terra, escolhemos apenas parte da bagagem imensa que reunimos, como alguém que se prepara para uma viagem e escolhe algumas roupas e alguns sapatos, mas não todos. Enquanto durar a viagem, por mais limitante que seja, é com aquela bagagem que teremos que nos haver.*

*Acontece que nos apegamos a essas tralhas que viajam conosco e às vezes até nos esquecemos que temos outras tantas roupas, sapatos e objetos ‘em casa’, naquele ‘grande armário’, nossa identidade integral.*

*Você não é apenas Sofia nem apenas Richard. Eu não sou apenas o jardineiro órfão nem apenas o guarda-muros de Marienburg. Somos muito mais do que podemos compreender em cada experiência de vida, na matéria ou fora dela. Por isso nos sentimos sempre tão incompletos, por isso estamos sempre em busca de algo, em busca de nós mesmos. Não somos o ‘eu’ nem o ‘outro’. Somos qualquer coisa para além de ambos.”*

***Robson Gonçalves***

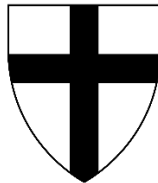
## **Conteúdo**

Prefácio do autor .....	9
PRIMEIRA PARTE .....	17
Prólogo da narradora .....	19
I. Perseverança .....	31
II. Mostre-me Deus.....	51
III. Lembrar, viver, compreender .....	69
IV. Conrad Müller/Paul Adler.....	91
V. O Judeu.....	111
SEGUNDA PARTE .....	129
I. O Jardineiro .....	131
II. A Senhora do Jardim.....	157
III. No caminho de Marienburg.....	183
IV. O refém .....	207
V. O fermento da massa .....	227
TERCEIRA PARTE.....	253
I. A fome dos viajantes .....	255
II. Reencontros .....	279
III. Conflitos da alma .....	305
IV. De volta do Inferno.....	327
V. Depois da batalha de Tannenberg .....	349
Epílogo .....	371

***Robson Gonçalves***

**PRIMEIRA PARTE**

**Adeus, até breve**



***Robson Gonçalves***

## **Prólogo da narradora**

**M**inha alma ainda era muito jovem, um espírito infante diante da Eternidade. Muitas vezes olhava para o céu e, como fazem todas as crianças, sonhava vendo as estrelas. Nas noites calmas e sem Lua da Índia e do Oriente Próximo, sempre me perguntava o que elas seriam. Movendo-se contra o pano-de-fundo escuro e profundo, notava o caminhar lento dos planetas, as estrelas viajantes: Marte, Júpiter, Saturno. O que seriam? Muitas vezes suspirei, deixando a brisa fria da noite invadir meus pulmões. Quando isso acontecia, às vezes eu me sentia triste, mas não sabia o motivo.

Numa dessas minhas vidas terrenas, quando pertencia a uma tribo nômade que vivia entre o Mar Negro e o Golfo Pérsico, parece que aquela nostalgia do céu estrelado tomou conta de mim. Era como se eu sentisse uma espécie de saudade de alguma coisa incerta desde o dia do meu nascimento, digo, do meu nascimento naquela encarnação. Até que, numa noite, caí no sono sentindo o calor agradável da fogueira que ardia a meu lado e meu espírito deslizou suavemente para fora do corpo.

Sem compreender bem o estado em que se encontrava minha consciência, olhando ao redor, vi muitos focos de luz, como se muitas outras fogueiras ardessem. Mas essas luzes tinham expressões humanas e circulavam em torno dos corpos adormecidos dos integrantes do meu clã, cuja caravana fazia pouso ali no fundo do vale à beira do rio.

Por um instante, vendo meu próprio corpo que dormia, pensei que tinha morrido e que os ancestrais tinham vindo me buscar. Como era um espírito infante, eu pensava como a criança que era.

E, de fato, junto de nós, havia muitos dos espíritos de nossos antepassados. Alguns, sem ter consciência de sua própria condição, conversavam animadamente com os que ainda viviam na matéria e que, libertos pelo sono, iam ao encontro deles como se todos ainda habitassem o mesmo plano. Quando o corpo físico dorme e a alma se liberta, então não há mais vida ou morte; apenas o mais simples e completo ser. Mas havia também outros daqueles espíritos brilhantes, muito lúcidos, muito conscientes do que tinham a fazer junto a nós.

Então, um desses, uma figura feminina com traços delicados e emanando uma luz ao mesmo tempo intensa e suave, foi se aproximando de mim.

- Nada de medo, menina. Você não está morrendo. A bem dizer, a morte não existe. É apenas uma cortina que separa dois cômodos da mesma tenda, um véu que, nesse momento, está levantado...

## ***O Jardim de Pedras***

E não havia mesmo como sentir medo. A luz radiante que emanava dela era tão amiga que não ofuscava. Ao contrário, parecia ser calma e morna como um abraço de irmão.

Ela, então, apontou para o alto dizendo:

- Menina... Hoje, estamos lhe trazendo alguém muito especial. Alguém que seguia seu próprio rumo, sua própria jornada, mas que, agora, vai juntar-se a você para que, lado a lado, suportem melhor o desafio que é percorrer o longo caminho até Deus. Das mãos dele vieram nossas almas e para essas mesmas mãos elas voltarão um dia. Renovadas, transformadas, plenas de conhecimento e conquistas.

- Vocês vieram me trazer uma companhia? Vou me casar? Com quem?

Ah... Como era de criança aquela minha ansiedade! Hoje, riu de mim mesma.

Com uma paciência que parecia infinita, a mentora me respondeu:

- Muito mais do que isso. Eu lhe trago uma irmã, uma irmã para a Eternidade. Vocês já avançaram o bastante. Já manifestaram qualidades e defeitos, afinidades e antagonismos. Por isso sabemos que poderão se ajudar muito nos séculos à frente. Quem não precisa de boa companhia para a viagem pela senda da evolução? Está na hora de formarem o núcleo de um círculo ainda maior que irá se constituir a partir de vocês duas.

Eu ainda não havia compreendido que ela falava de Sofia – esse será o nome pelo qual essa minha alma-irmã vai se mostrar nesse livro. Ainda estava emocionada, ansiosa e eufórica ao mesmo tempo. *Uma irmã...* pensava eu, com lágrimas nos olhos. *Que coisa maravilhosa!*

Mas a mentora não me deixou nem por um minuto com meus sonhos e pensamentos e advertiu:

- Mas a missão de vocês será de muita responsabilidade... Buscando conhecerem a si mesmas, vocês conhecerão muitos outros; irão se compreender cada dia um pouco mais na compreensão de várias outras almas-irmãs. Mas vocês duas serão um dos núcleos desse aprendizado coletivo.

Ela, então, apontou para o alto dizendo:

- Das estrelas estão vindo esses novos membros do seu clã. Tristes e amargurados amigos.

- Deuses? – Eu perguntei assustada. – Deuses da tristeza que estão me enviando essa angústia, essa nostalgia que sinto maior a cada dia? Eles vão desafiar a mim e a minha irmã?

- Não. Serão seus irmãos também; nada mais. Irmãos que precisam da nossa ajuda para poder nos ajudar também. Foram expulsos de casa e precisam passar um tempo conosco. Eu mesma fui buscá-los junto com outros colegas meus. Depois, se eles quiserem e quando puderem, talvez voltem. São mais velhos, sim. Muito mais velhos. Mas

## ***O Jardim de Pedras***

também são carentes de compreensão e autocompreensão, compaixão e autocompaixão.

Como a criança que eu era diante da Eternidade poderia entender aquilo? Não. Não haveria como. Meu pensamento estava tomado pela ideia de uma irmã para me fazer companhia nas noites frias e nas manhãs chuvosas.

Mas hoje sei que a compreensão é sempre limitada. Primeiro sentimos, aceitamos, participamos, pois todos somos capazes de nos emocionar. A compreensão mais plena vem depois, aos poucos, na medida justa da nossa capacidade de entendimento.

Aquele não era o tempo de entender, mas de sentir e aceitar, se quisesse. E minha tutora falava comigo como um adulto falaria com uma criança. Derramava sobre mim gotas da Verdade, incompletas, mas autênticas. Histórias infantis para espíritos infantis. Fosse como fosse, por mais que não entendesse a história dos exilados, sentia no peito que, tendo aquela irmã a meu lado, poderia enfrentar qualquer desafio.

- Se você abrir seus braços, menina, logo alguns deles estarão com vocês. Se vocês os aceitarem, terão que cuidar bem deles. Serão seus filhos, seus netos e, mais do que isso, seus irmãos diante do Céu. Ensinarão se souberem aprender e aprenderão se abandonarem a antiga vaidade. Farão com que vocês cresçam, se souberem se fazer pequenos. Receberão o que precisam se puderem aprender a dar do muito que têm. Estejam sempre atentas! O que esses velhos exilados têm a oferecer a vocês duas é um grande tesouro.

Poucas vezes nos mais de 8 mil anos que se passaram desde aquela noite eu me senti tão emocionada e, ao mesmo tempo, tão feliz. Era como se eu tivesse sabido, naquele momento, que houvesse engravidado. Não compreendi o que dizia minha tutora, mas senti com clareza toda a carga de emoções contida na missão que ela me apresentava naquele instante.

Nos anos, séculos e milênios que se seguiram, acolhi e fui acolhida por eles, os exilados. E, como bem tinha dito a tutora, encontrei em minha irmã apoio e consolo, força e coragem. Acertamos e erramos juntos, por certo. Mas avançamos. Se hoje sou uma alma mais madura, muito do que aprendi, devo à oportunidade de recepcionar aqueles degredados, compartilhando com Sofia experiências as mais diversas. E espero que tenhamos feito por eles um bem tão grande quanto eles fizeram por nós, sabendo ou não, querendo ou não. Mas, de todos os Filhos do Exílio que conheci, existem dois com quem acabei me envolvendo mais.

O primeiro, severo, duro, amargo e teimoso, mas também indeciso. Conrad Müller foi seu nome durante nossa última vivência juntos na matéria na Prússia de Frederico, o Grande. O outro foi Klaus Gärtner, o Jardineiro, cujas histórias vamos contar nas páginas que seguem. Emotivo, dedicado, místico, paciente. Duas almas claramente desajustadas no mundo em que viviam. Como eu mesma, mas por outras razões.

Depois de muitas experiências que compartilhamos, nossos mentores decidiram que a distância nos faria mais bem do que mal; que nossos caminhos tinham que se

## ***O Jardim de Pedras***

distanciar para poder voltar a se encontrar em um futuro de mais sabedoria e mais equilíbrio. As lições que tínhamos aprendido juntos teriam que ser postas à prova separadamente para poderem se firmar dentro de nós.

Não houve como deixar de sentir o coração partido quando soube que passaria pela prova da distância, da separação. Os dois, o Arquivista e o Jardineiro, deveriam renascer no jovem Império do Brasil, mas relutavam. Era o começo do século XIX e eu vivia na colônia espiritual de Ausdauer.

Conrad chegou a seguir para o Brasil, mas se arrependeu e se recusou a reencarnar por lá. Quando soube que meu amigo estava de volta ao astral das Alemanhas, pedi para vê-lo ainda uma vez, pedi para ajudá-lo em uma tarefa difícil. E foi o que fiz, compartilhando com ele lembranças antigas em seu Grande Balanço Reencarnatório. Mas, antes que ele concluísse essa tarefa, fui chamada de volta e o deixei lá em Stille der Seele, a colônia onde ele tinha voltado a viver, fugindo da reencarnação no Brasil.

A história que vou narrar começa aí, no instante em que me fiz forte – ou, talvez, me fingi forte – e deixei Conrad nos jardins do Grande Pavilhão, voltando para Ausdauer.

Nas páginas desse livro, conto minha visão sobre esses personagens que, juntos, compõem boa parte de meu próprio drama na Eternidade: meu amigo, o Arquivista e o Jardineiro, Filhos do Exílio, e minha alma-irmã por séculos, Sofia.

Tudo começou entre Berlim e Dresden e, 200 anos depois, tudo terminou aí também.<sup>1</sup> O barulho dos canhões foi a música de fundo do início ao fim desse resgate. Os exércitos, os grandes generais, o sal das lágrimas e o vermelho do sangue.

Ah! Por que insistimos em não aprender com os bons mestres espirituais, humildes e brandos de coração?<sup>2</sup> Por que escolhemos o caminho longo e difícil do aprendizado pela dor?

Na noite em que aceitei abrir os braços para os exilados, tudo isso esteve diante de mim. Mas eu só pensava naquela irmã... E eu disse “sim” para a missão que me ofereciam. Não decidi por meio da compreensão, mas do sentimento, pois a cognição chega sempre atrasada. Hoje, milhares de anos depois, seguimos caminhando. Na distância deve morar o resgate de nossos erros passados; e, por isso, seguimos caminhando.

Tanto tempo se passou desde aquela noite estrelada quando adormeci ao lado da fogueira e, agora, a tarefa é registrar algumas de nossas histórias para que, quem sabe, em um futuro distante, possamos ser, finalmente, Filhos da Luz em vez de Filhos do Exílio ou Filhos da Terra. A grande meta, que é Deus, sempre há de nos esperar sem pressa. Pois dele saímos, simples e ignorantes; e a Ele voltaremos, plenos

---

<sup>1</sup> A narradora se refere a fatos ocorridos durante a primeira metade do século XX e que serão objeto de outro romance, ainda a ser escrito: Dresden.

<sup>2</sup> Mateus 11:29.

## ***O Jardim de Pedras***

de amor e de sabedoria, retirados das sombras do erro por nossos próprios méritos, individuais e coletivos.

Impossível não me emocionar ao narrar tudo isso. Por essa razão, no início de cada capítulo, vou vestir o traje explícito de narradora, voltando a ser personagem nos parágrafos que se seguirem. Eu não saberia contar essa história de outra forma.

***Robson Gonçalves***

**Campo astral da Alemanha, ano de 1822**

***Robson Gonçalves***

## **I. Perseverança**

**N**unca vou me esquecer dessa cena, gravada tão fundo na minha alma. O dia na colônia onde vivia o Arquivista estava bonito e ameno. Mas, no meu coração, soprava um vento frio de despedida. A tarefa era deixar o amigo Conrad um pouco por si mesmo, à espera da visita de Amália, aquela alma tão próxima da dele. Foi a parte mais dura e mais amarga da tarefa de amparo a que me propus junto ao grande amigo.

Deixando Conrad Müller, voltei para a colônia espiritual onde vivia há tempos, próxima a Berlim. E, se passo a narrar tudo o que aconteceu em seguida como se fosse a história de outra pessoa, bem... em parte é para tentar preservar a mim mesma, não me emocionar além da conta e conseguir registrar aqui a história tocante de um grupo de espíritos amigos caminhando na estrada do tempo e do

aprendizado. E, em parte, é porque essa história não é mesmo só minha.

...

- Eu me vou, meu amigo. Já cumpri meu dever aqui. Agora, é com você.

Clara e Conrad estavam no jardim do *Große Halle*, o Grande Pavilhão da colônia espiritual de Stille der Seele, onde ele trabalhava em seu Grande Balanço Reencarnatório, auxiliado de perto pela velha amiga.

Para ele, o trabalho ainda estava longe de terminar. E o apoio de Clara tinha sido decisivo até ali. De uma hora para outra, aparentemente sem razão, ela se despedia daquela forma. Por tudo isso, as palavras de Clara fizeram Conrad sentir como se um punhal o houvesse atingido no peito.

- Mas, Clara... Não pode ser!

- Já não há mais muita coisa a relembrar... Já está quase tudo revisto e compreendido. Quase tudo. E, afinal, diga lá uma coisa: é da Alemanha que você sente falta? Diga...!

Conrad estava atônito, assustado. Tinha certeza de que ainda havia muito a rever e, sobretudo, a compreender naquele seu Grande Balanço Reencarnatório. Ainda assim, sua amiga insistia em dizer adeus, em deixá-lo lá na colônia de Stille der Seele e voltar para seu lar no astral sobre Berlim. E aquela pergunta...

## ***O Jardim de Pedras***

A nostalgia que ele sentia e que lhe machucava a alma todos os dias, aquele apego aos tempos em que tinha vivido na Europa... Aquela era a grande questão. Mas, Conrad esperava que a amiga o ajudasse a respondê-la, não que lhe devolvesse a pergunta, justo quando se despedia. Nada daquilo parecia fazer sentido.

Nesse estado de confusão interior, o Arquivista suspirou e respondeu meio sem pensar:

- Não! Minha nostalgia é mais profunda. Vivi alguns dos meus melhores sonhos entre o Reno e o Elba. Mas, esta também não é minha casa... Ainda não cheguei à resposta. Mas, Clara! Por favor... Ir embora assim!

Com tristeza brilhando no olhar, ela sorriu e, dando dois passos para trás, deixando evidente que aquilo era um adeus, disse por fim:

- Há momentos em que as melhores companhias podem não ser as mais adequadas. Foi o que me disseram. Nem tudo podemos compartilhar com as mesmas pessoas. A ausência de um amigo pode ser o melhor que ele tem a nos proporcionar às vezes. Acredite! Minha companhia agora lhe faria mais mal do que bem. O que você precisa nesse momento é de outras energias, não as minhas. Acredite! Sou sua amiga pela Eternidade. Para amizades assim, não há tempo, não há distância. Será sempre tudo aqui e agora. Solidão? Talvez. Abandono, jamais! Saudades, sim. Mas, se possível, sem lágrimas. Está bem? Por favor... Sem lágrimas.

E, colocando a mão direita sobre o peito, fechando brevemente os olhos, ela se foi. Virou-se e caminhou lentamente pela alameda do belo jardim que circundava todo

o Grande Pavilhão. Afastou-se devagar, mas com firmeza, sem olhar para trás. Na distância, ainda endereçou ao Arquivista um último pensamento que ele compreendeu com nitidez enquanto um alo suave de luz a envolvia pouco a pouco e ela desaparecia como se estivesse penetrando em uma névoa ao mesmo tempo muito sutil e envolvente.

- Quando você tiver terminado, se for permitido, prometo que volto. Não antes disso.

Mas Clara não fez o que ela mesma havia pedido. Quando teve certeza de que já estava fora do campo de percepção de Conrad, derramou lágrimas sinceras, deixando que a saudade antecipada invadissem seu íntimo.

Fazendo grande esforço para se reequilibrar, ela se deslocou com facilidade pelo astral da velha Saxônia, indo em direção à colônia na qual morava há décadas, desde o fim da última vivência na matéria, passada na Prússia.

À medida que se aproximava de Ausdauer<sup>3</sup>, a colônia espiritual situada no plano imaterial a sudoeste de Berlim, Clara foi serenando. Intimamente, ela se sentia como um navio que navegasse durante uma tempestade, mas já avistasse a luz do farol que a conduziria a salvo até o porto. Seu íntimo ainda estava agitado, mas estava prestes a encontrar repouso. E aquela luz vinha de outra pessoa muito querida, Sofia, sua irmã na última vivência material que também vivia na mesma colônia, tendo chegado ali alguns anos depois de Clara.

---

<sup>3</sup> “Perseverança” em alemão.

## ***O Jardim de Pedras***

Como todas as cidades do plano imaterial, Ausdauer nada mais era do que uma criação coletiva, fruto das emanações dos espíritos que conviviam naquele ponto do astral. Todos ainda muito apegados aos padrões terrenos, eles plasmavam ao seu redor casas, ruas, árvores, edifícios. Era essa a realidade que conheciam, era esse o padrão de convivência que fazia sentido para cada um deles. E, apenas por isso, mesmo os mentores mais adiantados do ponto de vista moral e intelectual compartilhavam disso, adotando as convenções, os costumes e a aparência dos encarnados.

Mas a beleza daquele lugar se devia ao estilo de arquitetura muito próprio que diversos cidadãos foram imprimindo a cada praça, a cada prédio ao longo de anos.

Em todas as construções, predominavam o branco, o verde e o dourado, dando ao conjunto urbano leveza e luz incomuns. Quase todos os edifícios tinham cúpula, uma semiesfera ovalada apontando para o alto em tons de verde, como se fossem feitas de bronze oxidado. Ao contrário de outras colônias, nenhuma dessas edificações tinha mais do que quatro andares e as cúpulas, não mais do que o dobro dessa altura, sempre contrastando com o céu ao fundo. O castelo Charlottenburg em Berlim, com traços muito semelhantes, tinha sido claramente inspirado na sede do governo de Ausdauer. E isso por uma razão simples: muitos dos arquitetos dos reis da Prússia tinham vivido na colônia antes de partirem para o plano físico. Mas a versão astral era muito mais impressionante, mais sóbria, maior e mais sólida, como se tivesse um estilo rococó próprio, despojado, simples e harmonioso.

Clara suspirou fundo quando viu no horizonte as cúpulas esverdeadas de sua cidade. Caravanas de outros espíritos iam e vinham cruzando o espaço ao redor da colônia, movimentando-se em quase todas as direções. As guerras recentes tinham despejado milhares de almas humanas no plano imaterial e seu processo de reintegração no plano espiritual ainda exigia muito trabalho.

Ao se aproximar dos limites vibratórios da colônia, sentindo a energia calorosa das muitas almas amigas que viviam por lá, Clara abriu mão da volitação, dando preferência à caminhada aparente nas ruas amplas e cercadas de árvores.

Bastaram alguns instantes para que ela fosse recebida de volta por um dos mentores locais, um velho amigo, tutor de mais de duzentas almas, algumas que ainda viviam em Ausdauer, outras vivendo suas experiências reencarnatórias no plano material.

Tendo renascido sobre a Terra pela última vez há mais de quatrocentos anos, Otto de Grunwald mantinha a aparência austera de sua última encarnação quando perdeu a vida física defendendo a Ordem Teutônica em terras polonesas.

Alto, corpulento, barba branca e cerrada, olhos muito azuis, sobrancelhas grossas e rugas de expressão por todo o rosto. Era a própria imagem de um monge-guerreiro. Mas tudo aquilo contrastava com sua índole dócil e paternal. E Otto tinha um carinho especial por Clara, a quem ele servia de mentor há vários séculos, o que o tornava ainda mais amável, mas a seu modo.

## ***O Jardim de Pedras***

Abrindo aqueles braços de envergadura enorme, Otto sorriu, irradiando uma luz sutil e acolhedora, enquanto Clara, vacilante, ia se aproximando timidamente. Os gestos expansivos do mentor sempre a deixavam sem jeito.

- E então, minha amiga... Missão cumprida? Ah! Eu sei que sim. Quem mais seria capaz de amparar o nosso Conrad? Eu mesmo quero ir vê-lo, logo, logo... Mas, tudo tem seu tempo. Vamos logo com esse abraço!

Para Clara, assim como para muitos outros espíritos em Ausdauer, Otto era um verdadeiro pai. E, de fato, desde os tempos muito antigos na velha Germânia, esse tinha sido seu papel junto a ela mais de uma vez.<sup>4</sup>

Aceitando aquele abraço que a envolveu por completo com a aura intensa e vibrante do amigo, Clara se permitiu chorar outra vez. Ao lado de Otto, ela se sentia segura, protegida, e acreditava que podia expor todas as suas fragilidades, aqueles seus medos e angústias que ela insistia em esconder de todos ao redor com exceção de apenas duas pessoas: aquele mesmo mentor e Sofia, sua irmã na última encarnação.

Sentindo que a energia de Otto lhe caía fundo na alma, acalmando e reequilibrando suas emoções, Clara se esforçou o quanto pôde para serenar de vez e, olhando direto nos olhos dele com um sorriso sincero, quis saber:

---

<sup>4</sup> Otto havia sido o mesmo espírito encarnado no tempo do imperador Augusto na nação celta germanizada dos queruscos com o nome de Arto. Ver o romance *O Espelho em Pedacos*, Parte 2, capítulo II.